

MESTRE AMARO – DE JOSÉ LINS DO REGO – O GUARDIÃO FALIDO

MESTRE AMARO – BY JOSÉ LINS DO REGO – THE BANKRUPT GUARDIAN

Wellington José Gomes Freire¹

Resumo: A Ficção de José Lins do Rego tem na figura de Mestre Amaro o ponto alto de sua criação dramática. Protagonista emblemático e dotado de virtudes que o individualizam no cenário da moderna literatura brasileira. O objetivo do presente artigo é o de demonstrar que o referido personagem pode ser interpretado como um herói problemático, de acordo com a terminologia de Lukacs, que realiza uma inversão do comportamento normalmente associado aos protagonistas de narrativas heroicas e mitológicas. Embora dotado de traços comportamentais que habilitam a uma filiação com a tradição do heroísmo clássico, o que realmente o define é a condição de um guardião de uma tradição falida.

Palavras-chave: José Lins do Rego; Fogo Morto; Mestre Amaro.

Abstract: The fiction of José Lins do Rego has in the figure of Mestre Amaro the high point of his dramatic creation. Emblematic protagonist and endowed with virtues that individualize him in the scenario of modern Brazilian literature. The purpose of this article is to demonstrate that this character can be interpreted as a problematic hero, according to the terminology of Lukacs, who performs an inversion of the behavior normally associated with the protagonists of heroic and mythological narratives. Although endowed with behavioral traits that enable an affiliation with the tradition of classical heroism, what really defines it is the condition of a guardian of a failed tradition.

Keywords: José Lins do Rego; Dead Fire; Master Amaro.

1 INTRODUÇÃO

Fogo Morto é uma narrativa de um denso processo de infelicidade coletiva vivenciado pelos principais protagonistas da trama. O leitor se vê diante de um espaço privilegiado de desregramento emotivo e dor que se integra aos atos coletivos de todos os que por ele perambulam desoladamente.

¹ Doutor em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia – Brasil. E-mail: jutlandia1914@gmail.com.

Não há sombra de felicidade ou contentamento que conceda ordenamento interior ao fazer dos homens. Dotados de grande vigor nascido da insatisfação que deita raízes fundas no interior de cada um dos espíritos, mas rigidamente desesperançados, as personagens se movimentam como formas sombrias destituídas de qualquer expectativa esperançosa. Á semelhança da tripulação de um navio fantasma de séculos sepultados, os homens e mulheres desse universo ficcional parecem desconhecer o sentido da comunicação: passam uns pelos outros como se não fosse possível compartilhar as dores e perplexidades diante de um existir insatisfatório. Não há apoio existencial mutuo mesmo nos núcleos familiares do romance, muito menos há cumplicidade mesmo entre as personagens que compartilham um mesmo espaço de habitação doméstica. Talvez os termos que os definam com maior precisão sejam solidão e incomunicabilidade.

Solitários e incomunicáveis as personagens se fecham sobre si mesmas remoendo dores de proporções trágicas e que não parecem passíveis de serem intercambiáveis. Embora os diálogos presentes na trama sejam muitos, nota-se que eles não contribuem em nada para o processo de melhoria das condições interiores dos infelizes homens e mulheres daquele universo ficcional. Os grandes protagonistas e mesmos os de importância secundária parecem terem sido um dia atraídos por uma espécie de buraco negro que os sugou e posteriormente os devolveu exaustos e doentes; meditativos e excessivamente introspectivos e aparentemente destituídos de capacidade de uma interação com seus pares.

Embora toda a ação do romance transcorra em terras do interior da Paraíba, o leitor se vê diante de um drama humano de implicações universais que reencena alguns dos grandes dilemas do homem contemporâneo. É bastante significativo que a obra-prima de José Lins do Rêgo seja uma narrativa memorialística que se desenrola na segunda metade do século XIX, alheia, portanto, a qualquer referência aos acontecimentos contemporâneos. É um

universo ficcional à margem de acontecimentos históricos contemporâneos e que se alimenta de suas referenciais memorialísticos por excelência.

Fogo Morto é três tramas numa só: tripla linha de convergências narrativas que abarcam uma tríade de personagens marcantes, sendo que dois dentre eles se incluem entre os mais marcantes da literatura brasileira. Não há propriamente um enredo único, predominando antes uma interconexão centrada no tríptico de acontecimentos encabeçados por Mestre José Amaro, Coronel Lula de Holanda e o Capitão Vitorino Carneiro da Cunha, alcunhado de *O Papa Rabo*. Protagonistas distintos unidos por aquilo que os acorrenta ao campo do doloroso: o trágico que define seus destinos individuais e os entrelaça numa correspondência de sinas infelizes. Embora transitando em espaços distintos da trama, o trio frequentemente se encontra e interconecta seus destinos, ainda que de forma meramente temporária. Nenhum deles foge da condição de homens com os pés firmemente plantados no ar. Cada um a seu modo e com as idiosincrasias que os define, se integra à uma sensação de desconcerto do mundo. Mais que isso, há um sentimento de alheamento do real, ainda que em níveis distintos para cada uma das personagens centrais da trama. Homens sem senso de praticidade e sem meios de lidarem com as lides do mundo das manifestações fenomênicas. Os três seriam melhor definidos como dotados de uma aguda consciência individual que os impede de se relacionar plenamente com o real. Encastelados num universo de formas quase oníricas, enxergam o mundo por via de lentes da idealização que se abeira de um processo de insanidade.

2 MESTRE AMARO: TRAGÉDIA, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO

A primeira parte do romance está sob a égide do protagonismo heroico do seleiro mestre José Amaro. Pela força da insatisfação que consome seu interior, Amaro é das protagonistas mais impactantes da galeria de tipos da

literatura brasileira de qualquer época. Homem atormentado por uma dor que não consegue definir com precisão; corroído por uma angústia que jamais cessa e o que faz continuamente despertar das agitadas noites de sono sentindo “um amargo gosto na boca”. Uma amargura que não é propriamente originada de fontes físicas ou orgânicas – embora ele padeça de algum tipo de convalescença provavelmente de origem hepática – e que o faz se filiar à da casta dos eternamente insatisfeitos.

A participação de Mestre Amaro no universo romanesco de *Fogo Morto* se desenrola num crescendo de horror que encontra seu ponto de culminância na cena final do livro I: o choro e a queda desalentadora de um espírito que esteve durante todo o tempo à beira de uma ruptura. O *Eu* do seleiro – assim como ele próprio enquanto habitante da comunidade rural da qual faz parte – em todas as páginas que enfeixam sua participação na trama esteve sitiado. Um espírito sob cerco contínuo e implacável do qual ele não conseguiu se desvencilhar. Um *Eu* sitiado por forças resultantes de demorados processos de insatisfação. Um acúmulo de tensões resultantes de frustrações de aspirações de grandeza que jamais resultaram em ato. Aguilhoado por expectativas imaginárias nascidas de delírios genealógicos, ele não encontra meios de se inserir plenamente no mundo que lhe foi dado viver. Por se encontrar preso a uma ideia que jamais alçou voo, a miséria da realidade cotidiana o atormenta e o faz ainda mais incompreensível para os que com que dividem a mesma comunidade. Mestre Amaro é um estrangeiro dentro de sua própria cultura porque não se reconhece nela, embora, de alguma forma confusa, ele aguardasse receber dela a devida reverência.

O mitólogo Junito de Souza Brandão (1999) propõe que das possíveis etimologias do termo Herói é que este derivaria do antigo indo-europeu *Herós* e significaria: “aquele que nasceu para servir.” A condição ontológica dele seria, portanto, a de um guardião da comunidade, um servidor que com a força de seu fortíssimo braço mantém uma dada ordem ou a restaura quando ameaçada de

ser tragada pelas forças do caos primordial. O heroico seja ele das sociedades arcaicas da Grécia ou de outras culturas é sempre a representação de um ideal humano, uma espécie de paradigma de superação da condição humana. Curtius observa que a ideia de herói é indissociável dos valores da nobreza e que este seria um “tipo humano ideal com o centro de seu ser fixado na nobreza. O herói distingue-se por uma excessiva vontade espiritual e por sua concentração em face da vida instintiva” (CURTIUS, 1996, p.223).

Nessa tipologia do heroico proposta por Junito Brandão e Ernst Robert Curtius não há lugar para Mestre Amaro. O papel por ele desempenhado em sua comunidade é a de um enclausurado no recinto de suas dores. A interação que o citado protagonista estabelece com o mundo circundante se restringe a contatos intermitentes e que o fazem fincar raízes no solo das vivências coletivas. O estilo de existência marcadamente condicionado pelo isolamento derivado da angústia o torna ontologicamente incapacitado para o exercício de ações de heroicas ao estilo tradicional. Incapaz de realizar grandes feitos – aqueles que sua alma sequiosa por grandeza tanto almeja - não encontra reconhecimento ou reverência da comunidade. Como um escravo eunuco que vigia um harém alheio, o seleiro sente desejos de interferir na realidade mas não encontra meios de fazê-lo. Um sentimento de impotência existencial paralisa sua capacidade de se conduzir no mundo. Há algo de titânico na revolta de Mestre Amaro, um certo senso de grandiosidade trágica que não se traduz em ato, perdendo-se nos labirintos de sua interioridade. Seu espírito se assemelha a uma cornucópia falida da qual nada mais brota: uma Terra Desolada dos mitos das narrativas de cavalaria medieval. Nessas circunstâncias, Mestre Amaro estaria mais próximo do rei-pescador paralisado da cintura para baixo e impotente guardião da onde nada viceja, que de Perceval, o cavaleiro andante e industrioso herói.

Embora exercendo uma função reconhecida dentro do grupo social do qual faz parte, Amaro não se sente plenamente integrado ao mundo. A ele

enquanto protagonista caberia uma inserção na tipologia proposta por Lukacs (2009), a saber, a de herói problemático. Essa condição se acentua paulatinamente com o desenrolar da narrativa. Na cena de abertura do romance, o seleiro já mostra sua condição de inadaptado no diálogo que estabelece com o contrabandista Alípio. A medida em que se desenvolve o núcleo narrativo em redor do seleiro, o leitor percebe o avançar do contínuo processo de desagregação social do Mestre. As crises interiores que o acometem sofrem considerável incremento o que o leva peregrinar pelas redondezas durante noites insones. Da incompreensão de seus atos de homem atormentado derivam interpretações fantasiosas que o associam a um ser mítico fantástico que habita o imaginário popular: um lobisomem. Desse incidente deriva o solapamento definitivo do grau de respeitabilidade e inserção social parcial de que gozava o seleiro na sua comunidade. O grupo social não mais o reconhece ou reverencia integrante plenamente inserido. Torna-se quase um pária. Ambos, comunidade e herói não se reconhecem nem aceitam as respectivas funções que a cada um deveria caber: a de proteção em troca de reverência. É tragédia do homem só e de seu processo de decadência resultante de uma não inserção na realidade.

Mestre Amaro guarda um ressentimento amargurado contra o mundo em geral e a sociedade em particular. Seus discursos virulentos dirigidos a interlocutores que parecem ouvi-lo com desconforto ou impaciência, quase sempre versam sobre uma espécie de sensação de insucesso ou de incapacidade de se impor sobre o real. Isolado numa tenda de beira de estrada na qual exerce seu ofício profissional, o seleiro tem uma consciência atrelada a um passado findo que se contrapõe por seu esplendor memorialístico a um presente falido no qual ele se encontra sem honra e reconhecimento. Por mais de uma vez Amaro cita com evidente orgulho um tempo anterior no qual seu falecido pai realizou serviços de selaria para o imperador do Brasil. A lembrança disso faz reacender a mágoa seu espírito por notar o contraste das duas situações: a de

outrora e a atual marcada pelo olvido e desencanto com todas as formas. Do desencantamento surgem outras formas de insatisfação essas marcadamente sociais nos seus processos de manifestação.

Giddens (1997) define tradição como uma espécie de argamassa que une as ordens sociais pré-modernas. Os elementos de união se encontram na valorização do passado e de símbolos que perpetuam e transmitem a experiência de gerações. Mestre Amaro ocupa uma função inversa ao se encontra na tipologia do sociólogo francês, por seu apego memorialístico ele funciona como um guardião falido da tradição. Tenta resguardar um padrão de existência antigo, mas não obtém qualquer sucesso digno de registro nesse processo porque a influência por ele exercida sobre a comunidade é quase nula, dado sua condição de deslocado. A preservação da memória coletiva e dos rituais inerentes ao tradicional reforçam as experiências comuns do cotidiano requer a presença de uma figura com status diferenciado, o responsável por guardar e organizar esse saber memorialístico.

Mestre Amaro é o guardião de uma tradição falida. Aquilo que ele tenta preservar, valores inerentes a um organismo social em vias de transformação, não podem ser transmitidos devido a sua condição de herói problemático. Em todos os diálogos que traduzem a interação do seleiro com outros membros da comunidade se materializa a real posição por ele ocupada na grupo social: a de isolamento. Ensimesmado e refugiado num universo próprio que se sedimenta sobre a angústia, o seleiro não pode ser tomado como exemplo de um herói que se reconhece na comunidade e é por ela reverenciado como protetor e guardião das tradições que a ela concedem vigor e unidade. Um guardião impotente e cego e não pode comunicar o quer que seja. Os valores que tenta preservar estão condenados a desaparecer junto com ele num grande vórtice de esquecimento coletivo

O que há exatamente com Mestre Amaro? De onde se origina essa mágoa que o atormenta e impede de interagir com a realidade na qual se encontra inserido? A vida que lhe foi dada viver é um motivo de insatisfação que se aproxima da repugnância. O ambiente doméstico familiar não concede vigor ao seu existir e muito menos funciona como um *lócus* aprazível no qual ele poderia se refugiar contra as dores do mundo. A casa e a família não são para ele casamatas protetoras contra incursões dos malefícios de um mundo que lhe é fracamente hostil, nem parece haver qualquer outro ponto privilegiado a partir do qual ele possa se abrigar e resistir às investidas de todos os inimigos de sua psique atormentada. Embora fragilizado por aquilo que julga ser uma excessiva exposição de seu espírito ao mundo, o seleiro é homem de uma soberba que somente se equipara a angústia.

Há elementos que concedam referências ao seu existir, mas nisso não parece residir a fonte de onde se origina o negror que habita seu ser. Ela parece se situar num outro ponto de sua psique: uma aguda consciência de seu próprio valor e do papel que lhe foi dado desempenhar no mundo. Mestre Amaro, apesar de seus devaneios e da extrema irritabilidade, é homem dotado de consciência de classe. Uma dor o consome derivada em grande parte de uma condição social que não gostaria de ter: a de trabalhador especializado com certo reconhecimento e reverência por parte da comunidade, mas de baixa condição financeira. Ele é quase um despossuído financeiramente falando. Mora numa terra que não lhe pertence (é de propriedade de Lula de Holanda, senhor de Engenho). O exercício do poder por parte dos mais bem dotados economicamente despertam algumas de suas reações mais contundentes e agravam seu sentimento de crise. Ele cultiva um sentimento de autonomia pessoal que o faz rejeitar categoricamente proximidades ou favores daqueles situados em extratos sociais mais elevados. E o motivo disso é por demais óbvio: um sentimento de orgulho ferido e uma crença no próprio valor pessoal. Em outras palavras: Mestre Amaro vê a si mesmo como um injustiçado a quem o

mundo nunca reconheceu o devido valor, portanto, a seus olhos a sociedade lhe deve tributos. Em certa medida as coisas se reduzem a uma questão de sonegação fiscal simbólica.

Na *Ilíada* Aquiles por se sentir ofendido publicamente pela insolência de Agamenon se recusa terminantemente a retornar aos combates até que seja compensado pelo ataque desferido à sua honra. Mentalidade similar – guardadas as devidas proporções – parece animar as ações de Mestre Amaro no que se refere especificamente ao seu contato com a sociedade. Nos diálogos travados por ele com outras personagens ao longo da primeira parte da obra fica patente o permanente estado de animosidade de espírito, sempre pronto a atacar e reagir ao que julga ser – muitas vezes, quase sempre, equivocadamente – ataques desferidos contra seu orgulho de homem probo. A mais leve referência ao poder ou aos ganhos econômicos de grandes senhores despertam sua irritação que se manifesta sob forma de agravos aos interlocutores. E se assim o faz com tanta constância é porque se julga injustamente desonrado, posto à margem para exercer uma função que supostamente não combina com sua condição de grandeza interior. Há um ente soberbo habitando no interior de Mestre Amaro, uma figura senhorial que jamais encontrou espaço ou meios de desenvolver plenamente, de se estabelecer autonomamente na realidade. No interior deste Ser há uma ideia que não alçou voo e isso o consome como um remorso lento.

O núcleo narrativo de *Fogo Morto* que tem em Mestre José Amaro seu ponto axial é fundamente marcado pelo desgosto. As personagens que ao redor do seleiro orbitam são tão infelizes quanto ele, embora elas careçam da densidade de sua dor e de sua sensibilidade atormentada. Sua mulher e filha são duas criaturas desalentadas, tomadas pelo peso das insatisfações e de um sentimento de incompletude. Sinhá – a esposa – apenas convive com o Mestre: o suporta, tendo com ele se casado apenas por absoluta ausência de possibilidades de escolha. Não o entende e muito menos se esforça para isso. O

vê como um terrível senhor, uma quase representação do demoníaco. No livro de a *Política* Aristóteles define a família como uma sociedade formada em prol da mutua sobrevivência. Em outras palavras: uma associação que tem como meta suprema a união de esforços pela manutenção da existência. A definição cabe perfeitamente para o contexto familiar do seleiro. Uma união que não comporta laços de afetividade. Sinhá é duplamente infeliz: um marido a quem teme e não compreende e uma filha que padece de males psíquicos imprecisos. Três seres angustiados e infelizes e que vivem em feudos particulares de dor que não fazem fronteiras entre si: a mais absoluta solidão os define coletiva e individualmente.

O relativo grau de respeito que Mestre Amaro goza na comunidade da qual faz parte não ameniza suas ambições malsucedidas nem contemporiza seus sentimentos de ódio para com quase todos que o cercam. Por ter uma tenda de trabalho instalada junto a uma estrada que interliga vias importantes da localidade onde a trama acontece, o seleiro assiste ao longo do dia a constante presença dos mais diversos tipos sociais das redondezas. Com todos eles os diálogos mantidos são marcados pela irritabilidade que rapidamente se manifesta a uma simples menção de qualquer comentário que o desagrade. A pobreza o oprime porque ela o impediu de transformar seus devaneios de grandeza e imposição sobre o mundo em ato concreto. Ficou-lhe apenas uma mágoa que não cessa e um sentimento de frustração. Suas metas – quaisquer que tenham sido elas – não foram alcançadas. Suas expectativas frustradas e as aspirações irrealizadas fizeram dele um ser perenemente insatisfeito.

O tempo da narrativa de *Fogo Morto* é o de momento não claramente definido do Brasil pós proclamação da República. Não está dito claramente em momento algum do texto em que ano os acontecimentos se desenrolam, contudo as referências cronológicas de algumas das personagens (Vitorino e Mestre Amaro) que mencionam fatos pretéritos de suas vidas e os relacionam com marcos cronológicos precisos, deixam a entender que teria sido por volta

da última década do século XIX ou anos iniciais do século XX. Seria, portanto, um contexto pós abolição imediata da escravatura e pós monárquico. Vitorino em pelo menos dois diálogos com Mestre Amaro deixa claro seu descontentamento com o fim da monarquia e fica subentendido que isso teria acontecido recentemente. O seleiro não se mostra entusiasmado por qualquer questão político partidária. Alimenta uma indiferença tanto por um regime quanto por outro.

As condições sociais predominantes no universo ficcional no qual Mestre Amaro transita são de uma predominância de acentuada pobreza. O seleiro não reside propriamente num sítio urbano, sua habitação se encontra erguida sobre terras de um engenho do Major Lula de Holanda, portanto, sua condição social é a de um quase servo. Os demais tipos humanos com os quais ele interage ao longo da narrativa – com a evidente exceção do proprietário do local onde ele vive – pertencem ao mesmo universo econômico: vendeiros, mascates, pequenos agricultores quase falidos, caçadores, rezadeiras, lavadeiras e vadios. Nesta última categoria se inclui José Passarinho, um negro que não exerce função social dentro da comunidade. Consome as horas de seus dias numa perambulação que visa satisfazer seu vício pela ingestão de bebidas alcoólicas. Passarinho, como os demais negros (nomeados ou simplesmente referidos) que integram a trama ocupam posição subalternizada perfeitamente delineada por outras personagens como o próprio seleiro ou Vitorino que deixam em evidência a superioridade racial deles.

A sociedade de Pilar – cidade nas cercanias da qual vive Mestre Amaro – é uma representação de condições históricas do Brasil pós-abolicionista. Microcosmo de miséria e de ausência de garantias de possibilidades mínimas de existência. Junto às grandes propriedades rurais, heranças da estrutura colonial centrada na exploração latifundiária, vegetam os pequenos agricultores, quase servos nas relações que mantem com donos de engenho. As possibilidades de mobilidade social são praticamente nulas, cabendo a cada um

ocupar uma dada posição imutável na sociedade tal qual num sistema de castas. Amaro guarda dentro de si um vigoroso ressentimento – ainda que este não se manifeste diretamente por via de verbalização – contra essa forma de organização social. O seleiro parece crer firmemente que possui virtudes que o habilitariam a ocupar posições de proeminência no arranjo social. Se os demais membros da comunidade com quem ele convive mostram-se conformados com seu existir precário e marcado por privações das mais diversas, idêntico sentimento de passividade não é por ele cultivado. O mundo nunca o tratou com a devida reverência e isso desperta nele sentimentos de profunda inquietação que se agigantaram com a percepção da passagem do tempo e da ausência de uma proximidade com o estilo de vida que ele gostaria de ter levado.

A visão de mundo que subjaz por trás de seus atos é a de descrença valores consagrados pela comunidade. O que o mantém de pé é um exagerado sentimento do seu próprio valor – ainda que indevidamente ignorado – e o apego quase quixotesco a um estilo de vida heroico-aventuroso que ele jamais foi capaz de viver. Disso derivam duas consequências imediatas: o ódio irascível que o Mestre cultiva para com tudo aquilo que lembra sua condição de inferioridade social e uma admiração quase idolatra para com os métodos de atuação de um conhecido violador da Lei, o cangaceiro Antônio Silvino.

Mestre Amaro parece ver enxergar na figura do contraventor uma espécie de rebelde primitivo ou de restaurador da ordem desfeita, ainda que este que pretenda desfazer o caos utilize métodos nada convencionais para os padrões heroicos. O ressentimento que alimenta seus atos o leva a associar o cangaceiro à uma inversão dos valores consagrados pela comunidade que jamais reconheceu e o reverenciou com o devido mérito. A isso deve-se aliar a nostalgia do extraordinário que habita no interior do velho seleiro. A vida monótona e regrada pela escassez que sempre levou jamais teria o poder de preencher suas intensas aspirações de grandeza. Em muitas das atos e enunciações discursivas da personagem notam-se marcas visíveis de um desejo

de vivenciar o inusitado ou aquilo que foge à estreita normatividade cotidiana. E nesse ponto os três grandes protagonistas de *Fogo Morto* se equiparam, todos eles – Vitorino, Amaro e Lula – vivem parcialmente apartados do real, aprisionados a um conjunto de expectativas de grandeza que contratam vivamente com a banalidade cotidiana do que lhes foi dado viver.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Brandão (1999) diz que nas narrativas de mitologia da Antiguidade Clássica a morte quase sempre surpreende o herói em locais ermos e desolados ou em completa solidão. O protagonista de grandes feitos incessíveis ao comum dos homens tem na errância um de seus traços distintivos. Ele se faz enquanto ser heroico num percurso aventuroso ou na demanda incessante por ações incomuns realizadas sob desconhecidas latitudes. A inapelável necessidade de peregrinação o conduz para regiões onde o aguardam prodígios extraordinários que devem ser superados para que ele obtenha a tão almejada honra, ou o reconhecimento público de um feito praticado. Mestre Amaro, tal qual uma centopeia parálitica, parece ter todas as suas possibilidades de deslocamento comprometidas. Fisicamente retido por inexistência de meios econômicos para fazê-lo; espiritualmente imobilizado por poderosas forças interiores que o atormentam, o seleiro é imagem invertida do heroísmo clássico. Seu percurso exploratório o conduz tão somente a um mapeamento inócuo da própria interioridade. Essa exploração involuntária que ele realiza não resulta em ganhos efetivos ou modificações na realidade interior ou exterior. Os ganhos auferidos não se mostram potencialmente capazes de desfazer o nó górdio de sua psique atormentada. Se Jasão e sua expedição de argonautas pode ao fim de seu périplo aventuroso trazer o velocino de ouro e transformar a realidade de sua comunidade de origem, o mesmo não é extensivo ao protagonista de *Fogo Morto*.

De uma perspectiva mitico-literária, o tema da viagem se integra ao processo de formação integral do ser heroico. O herói se constrói enquanto indivíduo dotado de habilidades ao longo de uma trilha ou de um percurso-caminho que invariavelmente o conduz para muito longe de seu local original de habitação. As virtudes indispensáveis à realização de feitos magnânimos – sem os quais o ordenamento simbólico da comunidade do qual ele é originário não poderá ser mantido – podem ser obtidas apenas por meio de uma pedagogia heroico-marcial conduzida em terras de alhures. O deslocamento geográfico envolve também contato direto com experiências incomuns que são comumente superadas com uma intervenção miraculosa. A viagem assume feições de rito de iniciação épica e propiciador de grandeza imorredoura. O perambular pelo vale do horror induz a uma metamorfose que transfigura o viajante. Essa transfiguração também pode assumir condições opostas ao que seria inicialmente esperado: heróis sadios podem ser atraídos por buracos negros simbólicos que os devolvem sob a condição de homens doentes e meditativos.

Mestre Amaro enquanto protagonista é uma imediata inversão do arquétipo literário do herói-desbravador tão facilmente encontrável nas narrativas míticas tradicionais. Ele parece trazer em seu espírito aspirações uma experiência nesse sentido. Habita nele um desejo desproporcional de contato com experiências comumente associadas a um ser heroico altivo. Tais aspirações contrastam vivamente com a posição por ele ocupada no contexto da comunidade do qual é parte integrante: de importância periférica, incompreendido e alvo de interpretações equivocadas por parte de seus conterrâneos. Ele é um guardião falido porque insiste num apego memorialístico a uma tradição social que não mais encontra significado na coletividade que o cerca. Sua reverência a um passado por ele mitificado e no qual supostamente ele poderia desempenhar com mais habilidade suas funções heroicas o coloca como um deslocado do real. Por se encontrar firmemente

atrelado a referências imaginárias ele se mostra na trama incapaz de perceber a fluidez da realidade. Embora visivelmente dotado de traços de heroísmo clássico de protagonista de tragédias antigas, Mestre Amaro é fundamentalmente um herói problemático e moderno. Em larga medida o trágico concede sedimentação ao estar no mundo do Mestre seleiro. Seriedade, grandeza, força interior e um destino insatisfatório definem o seu percurso existencial no universo de *Fogo Morto*. Tragédia e esquecimento são dois dos constituintes fundamentais do seu ser heroico de. Inadaptado, relegado a uma posição periférica da qual se ressentia profundamente, o que lhe resta é a realização de um percurso existencial em quase tudo oposto ao dos protagonistas de tragédias clássicas. Num único ponto a eles o Mestre se assemelha: a morte o surpreende na mais absoluta solidão.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade Reflexiva: Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna*. São Paulo: Unesp, 1997.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Europeia e idade média latina*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- LUKACS, Georg. *Teoria do Romance*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- REGO, José Lins. *Fogo Morto*. São Paulo: José Olímpio editora, 2010.

Recebido em 21/07/2021.

Aceito em 21/11/2021.